

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

Faculdade de Letras

Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e  
Produção de Texto – PROLEITURA

Mariotides Gomes Bezerra

**PROJETO ENTRE PÁGINAS – encontros de leituras na pediatria do hospital  
das clínicas/UFMG**

Belo Horizonte

2021

**Mariotides Gomes Bezerra**

**PROJETO ENTRE PÁGINAS – encontros de leituras na pediatria do hospital  
das clínicas/UFMG**

Monografia de especialização apresentada à Faculdade de Letras Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Texto – PROLEITURA

Orientadora: Profa. Dra. Leiva de Figueiredo Viana Leal

Belo Horizonte

2021

B5 Bezerra, Mariotides Gomes.

Projeto Entre Páginas [manuscrito] : encontro de leituras na pediatria do Hospital das Clínicas/UFMG / Mariotildes Gomes Bezerra. – 2021.

1 recurso online (48 f. : il., tabs., p&b) : pdf.

Orientadora: Leiva de Figueiredo Viana Leal.

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras, UFMG.

1.Leitura. 2. Literatura – Estudo e ensino. I.

CDD : 372.4

**ATA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DA ALUNA  
MARIOTIDES GOMES BEZERRA**

Realizou-se, no dia 25 de agosto de 2021, às 10:00 horas, de forma remota, a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *PROJETO ENTRE PÁGINAS – encontros de leituras na pediatria do hospital das clínicas - UFMG*, apresentado por MARIOTIDES GOMES BEZERRA, número de registro 2020654053, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, perante a seguinte Comissão Examinadora: Profa. Leiva de Figueiredo Viana Leal - Orientadora, Profa. Delaine Cafiero Bicalho, Profa. Célia Regina Lanza, Prof. Marcelo Chiaretto.

A Comissão considerou o Trabalho:

(X) Aprovado

( ) Reprovado

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 25 de agosto de 2021.

Profa. Leiva de Figueiredo Viana Leal (Doutora)  
Profa. Delaine Cafiero Bicalho (Doutora)  
Profa. Célia Regina Lanza (Doutora)  
Prof. Marcelo Chiaretto (Doutor)

---

Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Chiaretto, Professor do Magistério Superior**, em 30/08/2021, às 12:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---

Documento assinado eletronicamente por **Delaine Cafiero Bicalho, Servidora aposentada**, em 30/08/2021, às 16:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---

Documento assinado eletronicamente por **Celia Regina Moreira Lanza, Professora do Magistério Superior**, em 30/08/2021, às 19:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---

Documento assinado eletronicamente por **Leiva de Figueiredo Viana Leal, Usuário Externo**, em 31/08/2021, às 14:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0867888** e o código CRC **BE345F01**.

---

**Referência:** Processo nº 23072.219345/2021-20

SEI nº 0867888

*Aos meus queridos pais PRESENTES em mim e em todas as vidas presenteadas pelo  
seu amor.*

## **Agradecimentos**

A Deus, meu amigo, fiel companheiro, que me chamou para o serviço e educação dos pobres, dos trabalhadores e suas famílias.

À Leiva, minha orientadora, que por sua sabedoria e atenção inspira sensibilidade e empatia ao meu coração docente.

À equipe do Projeto Entre Páginas, por tornar possível a leitura literária na Pediatria do Hospital das Clínicas de Belo Horizonte/MG também durante o período da pandemia.

Aos colegas das equipes de Internação Conjunta, Gerência Administrativa e Enfermagem na Pediatria do Hospital das Clínicas de Belo Horizonte/MG, por acreditarem e concretizarem a interdisciplinaridade na prática a fim de atender cada dia melhor aos “nossos” meninos e meninas.

À Congregação das Irmãs da Assunção, da qual faço parte, e aos grupos ligados ao carisma e espiritualidade dos fundadores, pelo apoio e compreensão.

À minha querida família que me ensinou cedo o significado do amor ao próximo e compreende desde sempre e para sempre a minha vocação de compaixão para com os excluídos.

Aos queridos (as) alunos (as) pacientes, leitores em formação na pediatria do Hospital das Clínicas de Belo Horizonte/MG, me ensinando diariamente a “ler o mundo e a palavra” nas páginas da vida e razão do meu ser professora.

Às vovós, mães, tias, responsáveis acompanhantes dos queridos alunos pela presença amiga e amorosa ensinando que se pode ler além das linhas, com o coração. Agradeço-lhes, especialmente pela empatia e solidariedade no luto que a pandemia me impôs particularmente com o falecimento dos meus pais por covid-19 e suas implicações, no segundo semestre de 2020.

Aos colegas da Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Texto – PROLEITURA pelo caminho trilhado.

Aos professores e equipe da Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Texto – PROLEITURA pela dedicação e pela contribuição na formação dos professores da rede pública de ensino.

Às amigas professoras do AEH-BH por compartilharmos, desde 2014, nossa vocação de professoras domiciliares/hospitalares.

À Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte, pelo incentivo à formação docente. O presente trabalho foi realizado graças à parceria celebrada entre a FALE/UFMG e a

SMED para a formação de professores da educação básica em exercício na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte – MG.

“Temos que entender que tempo não é dinheiro. Essa é uma brutalidade que o capitalismo faz como se o capitalismo fosse o senhor do tempo. Tempo não é dinheiro. Tempo é o tecido da nossa vida” (Antônio Cândido)

## RESUMO

O presente trabalho intitulado “Projeto Entre Páginas – Encontros de Leituras na Pediatria do Hospital das Clínicas de Belo Horizonte/MG-UFMG” reflete sobre os impactos da leitura literária e sua implicação na formação de leitores em situação de hospitalização, durante a pandemia do novo coronavírus<sup>1</sup>, sob mediação do “Projeto Entre Páginas: leitura para crianças e adolescentes em hospitais”<sup>2</sup>, através de áudio-leituras e acompanhamento remoto. Parte da questão: qual é o significado da leitura literária para os escolares em situação de hospitalização? Realizou-se de março/2020 a março/2021. Conta brevemente a história da Educação Hospitalar no Brasil posteriormente em Belo Horizonte/MG e apresenta reflexão sobre a presença possível, através dos meios virtuais, do Projeto Entre Páginas no incentivo à leitura literária junto aos estudantes hospitalizados. Ao final seguem considerações sugerindo caminhos pedagógicos de aproximação, mesmo em tempos de distanciamento, para a formação de leitores, democratização e acesso a literatura.

**Palavras-chave:** Leitura Literária. Escola Hospitalar. Áudio-Leituras.

---

<sup>1</sup> A pandemia do novo coronavírus instalou-se no planeta durante o ano 2020 após a descoberta do vírus SARS-CoV-2, na China, no final do ano 2019. Este vírus transmite a doença Covid-19, infecciosa e mortal, sendo seu grupo de risco preferencial idosos e pessoas com comorbidades de saúde.

<sup>2</sup> Projeto de leitura da Faculdade de Letras/UFMG, direcionado aos estudantes-pacientes em internação prolongada na ala pediátrica do Hospital das Clínicas da UFMG.

## RESUMEN

El presente trabajo titulado "Proyecto Entre Páginas – Encuentros de Lectura en Pediatría del Hospital das Clínicas de Belo Horizonte/MG-UFMG" reflexiona sobre los impactos de la lectura literaria y su implicación en la formación de lectores en situación de hospitalización, durante la pandemia del nuevo coronavirus<sup>3</sup>, bajo la mediación del "Proyecto Entre Páginas: lectura para niños y adolescentes en hospitales"<sup>4</sup>, a través de audio-lecturas y monitoreo remoto. Parte de la pregunta: ¿cuál es el significado de la lectura literaria para los estudiantes en hospitalización? Tuvo lugar de marzo/2020 a marzo/2021. Narra brevemente la historia de la Educación Hospitalaria en Brasil más tarde en Belo Horizonte/MG y presenta una reflexión sobre la posible presencia, a través de medios virtuales, del Proyecto Entre Páginas en el fomento de la lectura literaria con estudiantes hospitalizados. Al final siguen las consideraciones que sugieren formas de una pedagogía de aproximación, incluso en tiempos de distanciamiento, para la formación de lectores, la democratización y el acceso a la literatura.

**Palabras clave:** Lectura Literaria; Escuela Hospitalaria; Áudio-Lecturas.

---

<sup>3</sup> La pandemia del nuevo coronavirus se instaló en el planeta durante el año 2020 tras el descubrimiento del virus SARS-CoV-2 en China a finales de 2019. Este virus transmite la enfermedad covid-19, infecciosa y mortal, siendo su grupo de riesgo preferido los ancianos y las personas con cobites de salud.

<sup>4</sup> Proyecto de lectura de la Facultad de Letras / UFMG, dirigido a estudiantes-pacientes en hospitalización prolongada en la sala de pediatría del Hospital das Clínicas de la UFMG.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO I - CRIANÇAS ATÉ 11 ANOS .....	28
QUADRO II - ADOLESCENTES A PARTIR DE 12 ANOS .....	30

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

AEH	Atendimento Educacional Hospitalar
CTI	Centro de Tratamento Intensivo
EJA	Educação de Jovens e Adultos
HC-UFMG	Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais
PA	Pronto Atendimento
SUS	Sistema Único de Saúde
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>1 CONTEXTUALIZAÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1.1. A Educação Hospitalar/Atendimento Educacional Hospitalar .....</b>	<b>10</b>
<b>1.2. Atendimento Educacional Hospitalar em Belo Horizonte/MG .....</b>	<b>11</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>13</b>
<b>3 O ESPAÇO E OS SUJEITOS DA PESQUISA .....</b>	<b>15</b>
<b>3.1 O espaço da pesquisa .....</b>	<b>15</b>
<b>3.2 Os sujeitos da pesquisa .....</b>	<b>16</b>
<b>4 PRÁTICAS DE LEITURA.....</b>	<b>19</b>
<b>4.1 Leitura na pediatria: as atividades propostas pelas escolas .....</b>	<b>19</b>
<b>4.2 Proposta da mediação em práticas de leitura na pediatria: o Projeto Entre</b>	
<b>Páginas 20</b>	
<b>4.3 Mediações e procedimentos para o desenvolvimento das práticas de leitura</b>	
<b>em pediatria hospital.....</b>	<b>21</b>
<b>5 LEITURA E LEITORES HOSPITALARES. ....</b>	<b>23</b>
<b>5.1 Pronto Atendimento – PA .....</b>	<b>23</b>
<b>5.2 Enfermarias .....</b>	<b>24</b>
<b>5.3 Centro de Tratamento Intensivo – CTI.....</b>	<b>25</b>
<b>5.4 O Projeto Entre Páginas nos espaços de leitura da pediatria durante a</b>	
<b>pandemia do novo coronavírus .....</b>	<b>27</b>
a) Solicitação para ouvir de novo a história: .....	29
b) Solicitação para desenhar a história: .....	29
c) Solicitação para mandar áudio para a professora: .....	30
d) Recontação da história pela criança: .....	30
e) Ligações e áudios para a professora a fim de comentar a áudio-leitura: .....	31
f) “Quero ajudar a fazer áudio-leitura”:.....	31

g) Pedidos da áudio-leitura impressa: .....	32
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>33</b>
<b>7 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>35</b>
<b>8 ANEXOS .....</b>	<b>37</b>

## INTRODUÇÃO

Professora hospitalar há muitos anos, atuando sempre na rede pública de ensino e integrante do “Projeto Entre Páginas: leitura para crianças e adolescentes em hospitais” (Anexo A), desde o seu início, falo desse chão que articula o compromisso pela democratização da leitura e a teimosia pedagógica de promover a formação dos leitores nos diversos contextos sociais. Deste lugar é possível compreender aspectos da leitura em sua função afetiva, político-social, cooperativa e promotora de saúde em ações de cuidado preventivo, curativo e protetivo. Afinal, ler constitui-se em atividade humana de relações e de desenvolvimento de todos os sentidos e em todos os sentidos da vida.

Apresentar traços das práticas de leitura literária realizadas em realidade hospitalar, considerando a situação da pandemia do novo coronavírus, 2020-2021, especialmente num projeto de leitura, constitui-se numa proposta de esperança e de aposta no futuro: que seja melhor. E que seja melhor especialmente no sentido da conexão entre as pessoas, do resgate e do cultivo do tempo dispensado como elemento essencial para a aproximação entre os sujeitos em suas relações sociais e para com o meio nas aprendizagens do nosso tempo. Por isso, o presente trabalho se atreve a dizer dos espaços de leitura hospitalares na perspectiva do cuidado humanizado, da pedagogia hospitalar e da interligação dos projetos de humanização presentes nas realidades hospitalares para a promoção e democratização da leitura neste ambiente.

Tendo a leitura literária como ponto de partida e ponto de chegada para a prática do diálogo nas aprendizagens e relações humanas, as reflexões apresentadas nesta monografia são orientadas pela indagação: qual é o significado da leitura literária para os escolares em situação de hospitalização prolongada para tratamentos de saúde? E, por meio da análise de depoimentos, pequenas produções escritas, áudios encaminhados, registros do caderno de bordo da professora, recolhidos durante todo o ano de 2020, marcado pelos efeitos da pandemia do novo coronavírus, apresento observações pertinentes ao aprimoramento dos trabalhos envolvendo práticas de leitura desenvolvidas em pediatrias com o objetivo da aproximação dos livros e seus leitores, num processo produtivo de democratização da leitura.

# 1 CONTEXTUALIZAÇÃO

## 1.1. A Educação Hospitalar/Atendimento Educacional Hospitalar

A modalidade de Educação Hospitalar/Atendimento Educacional Hospitalar acontece especialmente na prática da Classe Hospitalar, esta que se caracteriza normalmente como um anexo escolar ancorado num hospital, casa de apoio ou na casa do estudante, é uma modalidade educacional inserida no sistema público de saúde. Essa modalidade de ensino, entretanto, não é um fato recente na história da educação. A sua origem foi na França, no início do século XX. De acordo com Fonseca (1999) no Brasil essa prática educacional começou em 1950, com a primeira Classe Hospitalar no Hospital Jesus, localizado no Rio de Janeiro/RJ, porém há registros que em 1.600, ainda no Brasil Colônia, havia atendimento escolar aos deficientes físicos na Santa Casa de Misericórdia em São Paulo/SP. Contudo, o reconhecimento da modalidade de ensino só foi em 1.994 pelo Ministério da Educação e do Desporto (MEC) através da Política da Educação Especial, e, posteriormente normalizada entre os anos de 2001 e 2002 com os documentos, também do MEC, intitulados de: Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001) e Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: orientações e estratégias (BRASIL, 2002).

Embora a legislação brasileira reconheça o direito da criança e do adolescente hospitalizados ao atendimento pedagógico hospitalar e domiciliar no período de internação e recuperação da saúde, essa oferta ainda é muito restrita, não contemplando a todas as crianças e adolescentes nesta situação ao direito conquistado.

Com pedagogia e didática adaptadas à sua realidade, a classe hospitalar/ atendimento domiciliar carece de professoras<sup>5</sup> que aceitem, para além de sua excelência na área de conhecimento ministrada, a excelência humana de ser professora-hospitalar.

Aprender e ensinar em realidade anexada hospitalar é comprometer-se com a humanidade, na hora da fragilidade, na hora da esperança e acreditar que em momentos de debilidade, continuamos aprendendo e que a própria fraqueza humana é fonte produtora do conhecimento e da vida. É projetar, planejar, para o presente e acontecer, neste mesmo presente momento.

---

<sup>5</sup> Adoto gênero feminino às referências relacionadas ao corpo docente pelo fato deste ser constituído majoritariamente por mulheres na modalidade de Educação Hospitalar.

As classes hospitalares constituem-se na observação diária: ingressa-se a qualquer idade dentro da previsão da lei sobre o direito à educação, sob qualquer modalidade, com base na busca ativa/corrida de leitos, inclusive EJA (Educação de Jovens e Adultos) e em concordância com as escolas de origem dos alunos. Caso a classe hospitalar esteja situada numa área mista, como a pediatria, as turmas serão mistas, caso não, numa enfermaria ou ala específicas, as turmas serão determinadas por gênero.

A educação hospitalar é curativa, na medida em que reinsere seus alunos socialmente!

## **1.2. Atendimento Educacional Hospitalar em Belo Horizonte/MG**

Ciente da legislação e sensível à modalidade de Educação Hospitalar no ano de 2014 a Secretaria de Educação de Belo Horizonte implantou o AEH (Atendimento Educacional Hospitalar) reforçando o trabalho de atendimentos pedagógicos domiciliares e ampliando sua rede de educação inclusiva.

Durante esse período o AEH tem mostrado a importância desta modalidade de ensino e construído a sensível comunicação entre as áreas de aprendizagens e cuidados humanos de Educação e Saúde. Em momentos coletivos, em atendimentos individualizados nos leitos, na escuta às mães, às escolas de origem, às professoras das escolas de origem e principalmente dos estudantes hospitalizados, tal trabalho marca as práticas escolares pela impressão do processo de humanização que aborda e concretiza. Esse processo, chamado de humanização, consiste no resgate do trabalho do cuidado humanizado, muitas vezes ofuscado nas implicações dos sistemas que regem as áreas de Educação e Saúde com vistas mais conteudistas, não raro, consumidos nas rotinas e ocupações para alcançar objetivos competitivos em detrimentos daquele objetivo primordial da humanidade, do cuidado, da cura, da relação ensino-aprendizagem inerentes ao ser humano em seu desenvolvimento integral, inclusivo, democrático que nos aponta saídas coletivas na busca de um mundo melhor em sua evolução para a coexistência das espécies.

A rotina do AEH nos hospitais públicos parceiros da iniciativa contempla momentos de busca ativa/corrida de leitos, espaço de acolhimento e convite às atividades escolares; propostas de atividades pedagógicas realizadas em grupos por interesses ou faixa etária, atendimentos personalizados nos leitos. São realizadas as atividades encaminhadas pelas escolas de origem das crianças e adolescentes, feitos os contatos com as equipes gestoras, equipes pedagógicas,

professoras e colegas das turmas dos alunos-hospitalares, são propostas também atividades pedagógicas de acordo com o currículo nacional adaptadas à realidade de cada estudante, considerando as especificidades de sua trajetória escolar e condições clínicas.

A Pedagogia Hospitalar procura, assim, seu lugar, entrando na discussão de uma nova ótica para a clínica pediátrica e seus sujeitos na perspectiva de uma “pedagogia clínica”, mais compreensiva e aproximada às necessidades das crianças e dos adolescentes. Trata-se de mais que o cumprimento das leis, trata-se de uma cultura a ser estabelecida na reflexão sobre as práticas, no cuidado e na sistematização das experiências trabalhadas. A escola do hospital não deve ser só um “anexo”, deve ser parte integrante e ativa dos processos de cuidado e restabelecimento da saúde dos escolares em situação de internação médica prolongada. Alunos e professoras hospitalares devem sair da invisibilidade e poderem contar com as condições necessárias para a realização dos processos de ensino-aprendizagens adaptados à Educação Hospitalar.

Em alguns hospitais públicos existem as chamadas classes hospitalares. São “anexos” das escolas públicas municipais que, na verdade, utilizam espaços que deviam estar ocupados por mais leitos pediátricos, laboratórios e consultórios e não estão, por descaso das autoridades com a saúde pública. Essas “classes” sofrem um problema de identidade: sendo anexos de uma escola da rede municipal, não fazem, de fato, parte de escola alguma; por outro lado, embora funcionem dentro do hospital, não fazem parte dele. O atendimento prestado é de tal forma inadequado que ela só perpetuam há quatro décadas graças a inércia e à indiferença das elites governamentais. O que precisamos mesmo é olhar a enfermaria pediátrica de modo novo, um modo de olhar que talvez possa ser aprendido na pedagogia clínica, quando a pedagogia clínica existir (KOSINSKI, 1997, p. 75).

O AEH também participa e apoia as iniciativas de atividades de cunho cultural-educacional existentes nos hospitais em suas equipes assistenciais, parceiros e ações solidárias.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste trabalho, assim como nos princípios que norteiam o projeto “Entre Páginas: leitura para crianças e adolescentes em hospitais” os eixos de reflexão e ação têm base na leitura como direito humano, na inspiração do Professor Antônio Cândido em sua declaração fundante com vistas à real inclusão e equalização dos direitos, direitos a todos os bens para todos.

Certos bens são obviamente incompressíveis, como o alimento, a casa, a roupa. Outros são compressíveis, como os cosméticos, os enfeites, as roupas supérfluas. Mas a fronteira entre ambos é muitas vezes difícil de fixar, mesmo quando pensamos nos que são considerados indispensáveis. O primeiro litro de arroz de uma saca é menos importante do que o último, e sabemos que com base em coisas como esta se elaborou em Economia Política a teoria da "utilidade marginal" segundo a qual o valor de uma coisa depende em grande parte da necessidade relativa que temos dela. O fato é que cada época e cada cultura fixam os critérios de incompressibilidade, que estão ligados à divisão da sociedade em classes, pois inclusive a educação pode ser instrumento para convencer as pessoas de que o que é indispensável para uma camada social não o é para outra. Na classe média brasileira, os da minha idade ainda lembram o tempo em que se dizia que os empregados não tinham necessidade de sobremesa nem de folga aos domingos, porque não estando acostumados a isso, não sentiam falta [...] (CÂNDIDO, 2011, p. 173).

Igualmente é regido pelo posicionamento político-educacional herdado do Professor Paulo Freire, patrono da educação brasileira, por isso, posicionado na ótica dos excluídos que em sua pedagogia de luta pela vida apontam caminhos transformadores para um mundo melhor com respeito ao planeta, aos direitos das pessoas, ao compromisso ético para com as novas gerações. Procura descrever os esforços exigidos nas aprendizagens que compreendem que “não dá para falar em Educação sem Amor”, não se tratando de romancear o dia a dia desafiador enfrentado no fazer pedagógico das classes hospitalares espalhadas pelo Brasil, mas de encontrar-se cada vez mais perto da educação libertadora que abre caminhos para as utopias concretas que se realizam em pequenas ações de decisão pessoal que constroem ações locais e impactam globalmente para o bem comum, ato político, conforme Freire.

Mas a gente ainda tem que perguntar em favor de que conhecer e, portanto, contra que conhecer; em favor de quem conhecer e contra quem conhecer. Essas perguntas que a gente se faz enquanto educadores, ao lado do conhecimento que é sempre a educação, nos levam a confirmação de outra obviedade que é a da natureza política da educação. Quer dizer, a educação enquanto ato de conhecimento é também, por isso mesmo, um ato político (FREIRE, 1992, p. 97).

A reflexão e as práticas concordam com Antônio Cândido explicitadas em seu ensaio “O direito à literatura”, no livro “Vários escritos”, 2011, sobre o impacto das ações da literatura sobre nós, o desenvolvimento da capacidade de compreensão e coexistência “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e

abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante », postura indiscutivelmente necessária na pedagogia do cuidado, da saúde e da educação. No mesmo livro o autor expressa:

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CANDIDO, 2011, p. 254)

Em acordo com a nossa postura político-pedagógica está Todorov (2009): a literatura associada à vida, integrante da vida. A literatura como uma necessidade básica, em diálogo com o pensamento de Antônio Cândido, um direito humano. Sendo ela também referência em medidas diferentes nos vários momentos do desenvolvimento humano, da infância à adolescência e sempre.

Hoje, se me pergunto por que amo a literatura, a resposta que me vem espontaneamente à cabeça é: porque ela me ajuda a viver. Não é mais o caso de pedir a ela, como ocorria na adolescência, que me preservasse das feridas que eu poderia sofrer nos encontros com pessoas reais; em lugar de excluir experiências vividas, ela me faz descobrir mundos que se colocam em continuidade com essas experiências e me permite melhor compreendê-las (TODOROV, 2009, p. 23).

Na mesma discussão encontramos Chiaretto (2013, p. 6) “a literatura pode desenvolver na sociedade a esperança de humanidade na medida em que torna as pessoas mais compreensivas e abertas para a natureza, para a sociedade e para o outro.” Chiaretto nos convida à continuação do trabalho da democratização da literatura, da leitura, espaço ímpar e formativo de esperança e reconstrução em todos os momentos da história humana, e, no momento atual, vivendo a pandemia, formação da capacidade humana de compreensão uns para com os outros, uma exigência para nossa continuação planetária.

### 3 O ESPAÇO E OS SUJEITOS DA PESQUISA

#### 3.1 O espaço da pesquisa

Na busca desse conhecimento, segue a apresentação da história do hospital, este iniciado como hospital-escola, com lugar no prédio onde hoje encontramos o ambulatório pediátrico São Vicente, no ano de 1921. Foi uma iniciativa da congregação religiosa católica de origem francesa Filhas da Caridade. As freiras doaram o hospital à Faculdade de Medicina no ano de 1931. Aqui começa a história dos leitores em formação com os quais nos encontramos atualmente na Pediatria do Hospital das Clínicas-UFMG.

“O Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais (HC-UFMG), hoje administrado pela Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH), é um hospital universitário, público e geral, integrado 100% ao Sistema Único de Saúde (SUS). A instituição atua no atendimento à sociedade, na formação de recursos humanos, no desenvolvimento de pesquisas e na produção e incorporação de tecnologia na área da saúde por meio de atividades de ensino, pesquisa e assistência. Atende todas as especialidades e subespecialidades oferecidas pelo SUS com exceção da radioterapia, constituindo-se como referência em alta complexidade para o estado de Minas Gerais. Com mais de 64 mil m<sup>2</sup> de área construída, o HC-UFMG é formado por um prédio principal, o Hospital São Vicente de Paulo, e sete anexos para atendimento ambulatorial: Ambulatório Bias Fortes, Anexo de Dermatologia Osvaldo Costa, Ambulatório São Vicente, Hospital Borges da Costa, Hospital São Geraldo, e o Instituto Jenny de Andrade Faria de Atenção à Saúde do Idoso e da Mulher, além da Moradia dos Médicos Residentes (Anexo Maria Guimarães). O prédio principal localiza-se à Avenida Professor Alfredo Balena, nº110, Campus da Saúde da Universidade Federal de Minas Gerais, no centro da região hospitalar de Belo Horizonte. Unidade Especial da UFMG, o HC é campo de ensino para os cursos de Medicina, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Odontologia, Terapia Ocupacional, Psicologia, Nutrição, Fonoaudiologia, Gestão em Saúde e Tecnologia em Radiologia. Inaugurado no dia 21 de agosto de 1928, o complexo hospitalar surgiu a partir do agrupamento de algumas clínicas ao redor da Faculdade de Medicina da UFMG. Nesse mesmo ano foi iniciada a construção de um prédio central. Em 1955, o complexo hospitalar passou a se chamar Hospital das Clínicas. Atualmente o complexo hospitalar é formado por um edifício central, o Hospital São Vicente de Paulo e 07 prédios anexos para atendimento ambulatorial: Ambulatório Bias Fortes, Anexo de Dermatologia Osvaldo Costa, Ambulatório São Vicente, Hospital Borges da Costa, Hospital São Geraldo, e o Instituto Jenny de Andrade Faria de Atenção à Saúde do Idoso e da Mulher, além da Moradia dos Médicos Residentes (anexo Maria Guimarães). O prédio principal localiza-se à Avenida Prof. Alfredo Balena, nº 110, Campus da Saúde da Universidade Federal de Minas Gerais, no centro da região hospitalar de Belo Horizonte” (NOSSA HISTORIA, 2021).

A história do Hospital das Clínicas-UFMG é importante na caracterização dos sujeitos leitores que encontramos hoje nas enfermarias da Pediatria e demais dependências porque uma obra hercúlea, com tantos anos, tantas mãos, tantos espaços, tantas vidas envolvidas, se impõe na vida de uma criança que precisa de tratamento médico.

### 3.2 Os sujeitos da pesquisa

Os primeiros contatos para conhecimento das crianças e adolescentes internados se dão a partir dessa conversa. São os alunos-pacientes que perguntam:

“Onde é que nós estamos, professora? Que hospital é esse? É do tamanho de Belo Horizonte? Aqui é Belo Horizonte? Eu estou  **muito**<sup>6</sup> doente? Aqui é muito longe da minha cidade? Esse prédio tem quantos andares? Se eu quiser posso subir tudo sem entrar no elevador?”

E as perguntas chegam todas na mesma hora, rápidas e assustadas, são as perguntas que movem os processos para a saúde, para o conhecimento, para as superações necessárias. Encontramos assim, na pediatria, diferentemente que em outros hospitais infantis: crianças e adolescentes até 18 anos, portadoras de doenças raras ou enquadradas na especialidade do hospital, onco-hematologia, em busca de melhores recursos da medicina, com previsão de internação prolongada. Nessas circunstâncias, crianças e adolescentes, esperançosos, mas sofridos na dor, no entendimento, afastados de sua vida familiar e social. Ora, se diante da apresentação do AEH esses alunos-pacientes vibram de alegria, ao conhecer a proposta do Entre Páginas se perguntam se é mesmo possível:

“Professora, o livro vai poder ficar com a gente no sábado e domingo também?”

Normalmente esses estudantes são também alunos de escolas públicas, mas suas vivências escolares apresentam-se severamente marcadas pelas exigências impostas pelas doenças, sendo a ausência e o consentimento dessas ausências um ponto comum e difícil. Muitos alunos relatam que faltam às aulas porque estão internados e a escola não se incomoda por isso, diz que quando estiverem bem de saúde podem retornar, que são da “inclusão”<sup>7</sup>. O sentimento despertado nos corações pueris é de indiferença, desinteresse. Esse sentimento negativo está presente em quase todas as histórias escolares dos alunos-hospitalares, mas também há a saudade e a esperança em relação ao retorno ao grupo social pertencente. A escola do hospital, a professora hospitalar, a pedagogia aí desenvolvida, se entrelaçam ao lúdico das

---

<sup>6</sup> Grifo da professora para salientar o peso psicológico com o qual as crianças e adolescentes precisam lidar ao saberem que estão internadas no Hospital de Referência.

<sup>7</sup> A maioria dos estudantes hospitalizados se refere pejorativamente à política de Educação Inclusiva, devido à observação de práticas equivocadas a seu respeito, tais como atividades infantilizadas para o ano escolar em vigor e com temas diferentes daqueles tratados nas aulas, destinadas aos alunos deficientes.

aprendizagens, mas tudo isso precisa ser mais completo, preencher as expectativas do aluno em reconciliação consigo mesmo em seu estado de saúde debilitado e com a escola.

As necessidades educativas não se esgotam com o aspecto lúdico, mas quando se trata de uma hospitalização prolongada a criança deverá frequentar a escola e ter oportunidade de dar continuidade à sua aprendizagem. A escola deveria ser um local atraente e suficientemente apelativo tanto em material didático como na sua localização dentro do hospital – dever ter um fácil acesso, com luz natural proveniente de janelas amplas onde o “lá fora” fosse aprazível, ajardinado, onde os pássaros povoassem as árvores e a natureza fosse o prolongamento natural das salas de aulas (OLIVEIRA, 2000, p. 61).

No convite à leitura, mesmo que as crianças e adolescentes em situação de hospitalização, ainda não apresentem todas as características de um leitor, a visão apresentada por Oliveira (2000) é necessária, se trata de um convite “além do lúdico”. Esses leitores em formação colocam-se em sentido de atenção, resgatam suas histórias leitoras e habilitam-se ao desconhecido que a leitura lhes apresenta, sendo uma janela, uma ponte, uma possibilidade de diálogos consigo, com os outros, com o meio. Grande parte deles domina a linguagem simples das mídias, embora o acesso à internet seja sempre difícil. Estando em enfermarias coletivas comunicam-se ora valendo-se da linguagem verbal, ora da linguagem não verbal, utilizam bastante o telefone celular e muitos recusam a televisão que sendo única alternativa durante grande parte do dia, “cansa, enjoa, não muda a programação.” Sendo crianças em idade de Educação Infantil até o Primeiro Ciclo, de 4 meses a 9 anos, interessam-se por leituras coletivas, os círculos. Já os pré-adolescentes e adolescentes preferem os atendimentos personalizados na hora da leitura. A leitura é o “lá fora”, a escola da vida que se combina com a vida em situação de internação hospitalar prolongada.

Formação de leitores no ambiente da escola hospitalar é uma atividade colaborativa e as mães puderam fazer a experiência no acompanhamento do trabalho, descobrindo que “ajudar pode” não dá é para fazer a vivência no lugar do leitor, pois cada leitor tem sua história e isso condiciona leitura por leitura realizada. O trabalho com textos longos valoriza a prática e conquista os alunos para fazer algo que ainda não tenham conseguido em suas experiências escolares por vários motivos, sendo os mais citados, a falta de tempo e o número excessivo de estudantes por turma, o que inviabiliza aprendizagens que precisam de mais atenção, escuta e atendimento personalizado. Os participantes do presente trabalho, leitores escolares fluentes, matriculados nos anos finais do Ensino Fundamental regular, ainda não tinham tido a oportunidade da experiência de leitura em grupo ou reconhecido em suas histórias pessoais de leitores quaisquer vantagens, mesmo a valorização sociocultural. Ao descobrirem o prazer do reconhecimento da leitura a experiência foi importante, não significando simplesmente terapia ou passatempo, mas integrante no aspecto de formação humana, para a existência, a cidadania e a coexistência (SARTORI et al., 2020).

Conhecer os leitores ajuda na seleção dos livros, mas ainda não diz tudo. É muito importante saber em que fase do enfrentamento da doença, em que lugar do hospital os leitores estão inseridos. Estar no PA, Pronto Atendimento, sem diagnóstico definido é uma condição,

já estar na enfermaria, em tratamento, outra situação. O CTI, Centro de Tratamento Intensivo, a fase de cuidados paliativos, a chegada da alta médica ou o deparar-se com o luto são outros lugares-momentos determinantes.

## 4 PRÁTICAS DE LEITURA

### 4.1 Leitura na pediatria: as atividades propostas pelas escolas

A proposta é simples, mas é a própria simplicidade da ação que a torna complexa. O projeto Entre Páginas entra na pediatria pela porta da Educação Hospitalar com a tarefa da leitura e do incentivo da leitura para todos. A preparação de cada momento da entrada do projeto Entre Páginas na pediatria foi sempre rigorosamente acompanhada, desde a sensibilização das acadêmicas envolvidas até a formação para o entendimento e cumprimento dos protocolos de biossegurança na realização da atividade das leituras nos leitos ou enfermarias

Dentre as atividades realizadas no atendimento escolar em pediatrias uma das mais solicitadas pelos professores das escolas de origem é a leitura. É muito comum que em tarefas propostas para alunos ainda do primeiro ciclo do Ensino Fundamental sejam encaminhados textos longos, inclusive em avaliações, como treinamento para a realização das provas externas oficiais, como a antiga Prova Brasil ou as avaliações atuais do SAEB<sup>8</sup>. Para responder as questões encaminhadas em cada proposta de atividade é necessária a leitura proficiente de textos e enunciados que exigem boa fluência na habilidade de leitura. Para os alunos maiores, a partir dos anos finais do segundo ciclo, no terceiro ciclo e no Ensino Médio é rotina que sejam indicados livros para leitura individual com o objetivo do preenchimento de uma ficha de dados de verificação de leitura ou uma avaliação da leitura realizada. A avaliação normalmente é composta por questões de múltipla escolha.

Essa maneira de apresentação da leitura é temida e se torna obviamente procrastinada pela maioria dos estudantes hospitalizados. Primeiramente porque toma tempo, isto é, dá a entender que se presta a preencher o tempo, qualificando, ainda que subjetivamente, o emprego do tempo para o cuidado da saúde, como um tempo perdido, não produtivo e associado ao sofrimento, uma vez que a doença em nossa cultura é mais valorizada que sua ausência, que a saúde, o cuidado.

Nas escolas formais, em sua grande maioria, por ainda predominar, um modelo excludente, uniformizador e segregacionista, estas instituições têm tido dificuldades

---

<sup>8</sup> A Avaliação Nacional do Rendimento Escolar também conhecida como Prova Brasil, é uma avaliação criada em 2005 pelo Ministério da Educação. É complementar ao Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica e um dos componentes para o cálculo do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica. O Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) é um conjunto de provas diagnósticas que têm como propósito analisar a educação básica no país. Em 2019 as siglas ANA, Aneb e Anresc deixaram de existir, e a avaliação diagnóstica é conhecida apenas como SAEB.

de cumprir o seu papel em relação às minorias, nas quais se inserem as crianças e os adolescentes hospitalizados. Quando uma criança que está sendo escolarizada é internada em um hospital, muitas vezes, muitos professores das escolas de origem não se preocupam com o que está ocorrendo com ela. Para muitos desses professores, as condições precárias de trabalho associados ao desinteresse pela realidade dos alunos faz com que essas crianças sejam esquecidas. Os movimentos de determinados setores da sociedade civil em prol da educação não formal têm procurado atender as essas demandas, possibilitando outras formas de educação na sociedade brasileira, não somente as tradicionalmente existentes (PAULA, 2005, p. 7).

#### **4.2 Proposta da mediação em práticas de leitura na pediatria: o Projeto Entre Páginas**

Diante da realidade descrita, mas acreditando na concepção de leitura associada a concepção de escola libertadoras, fez-se necessária a mediação pedagógica-profissional da área, através da atuação do AEH, para uma nova dinâmica de trabalho de leitura com os pacientes-estudantes da ala pediátrica do Hospital das Clínicas-UFMG, meu local de trabalho docente.

As concepções de leitura e educação libertadoras apresentam características particulares que apontam, entre outros, o desenvolvimento dos processos de protagonismo, iniciativa, igualdade para a participação efetiva nas atividades. A mediação proposta para a leitura na pediatria segue essa perspectiva. Adaptar essas características ao espaço pediátrico se constitui assim num trabalho que levanta mais uma das características próprias da educação e leitura para a libertação: o trabalho em equipe, o trabalho cooperativo. É nesse ponto específico do desenvolvimento da proposta que acontece a integração das áreas de conhecimento a serviço da vida através das equipes de trabalho. Aqui se encontra a interdisciplinaridade entre as áreas da Educação e da Saúde para o restabelecimento da saúde e reencontros sociais de aprendizagens significativas.

Principalmente as equipes de trabalho da enfermagem e assistência seguem envolvidas na dinâmica, que exige compreensão, organização e foco para que as rotinas quotidianas não sufoquem a qualidade das relações humanas que se desenvolvem e permeiam a proposta da leitura na pediatria, junto às crianças, adolescentes, jovens internados e também, em muitos momentos, suas famílias e equipes de proteção para o cuidado e gerencias hospitalares.

### 4.3 Mediações e procedimentos para o desenvolvimento das práticas de leitura em pediatria hospitalar

Para que tal mediação fosse realidade muitas providências precisaram acontecer. A mais urgente entre todas foi a apresentação dos livros, dar leitura às crianças e aos adolescentes. Não se trata de entregar livros e de ordenar a leitura, mas mostrar a leitura, apresentar-se como leitora e convidar à leitura. Tal como é comum na escola regular, os estudantes da escola hospitalar, são leitores em formação, ainda não são leitores com autonomia e poderão tornar-se ou não leitores, em grande parte, dependendo das experiências de leitura que vivenciarem.

Práticas de leitura são ensinadas e aprendidas na convivência com os leitores e entre os leitores, há que se considerar as experiências, os conhecimentos prévios, as condições de leitura, os espaços literários, as histórias pessoais e coletivas de leitura para o investimento e continuação de tal valor. Paulo Freire orientava que a “leitura do mundo precede a leitura da palavra” e que é este exercício o responsável por ativar as iniciativas coletivas, ler assim, não é mais somente uma alternativa particular, torna-se uma proposta em grupo.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. Ao ensaiar escrever sobre a importância do ato de ler, eu me senti levado - e até gostosamente - a "reler" momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo (FREIRE, 1989, p. 9).

O ambiente hospitalar, por sua vez, é exigente, e deve ser, em suas regras e protocolos de biossegurança, pois desse rigor depende o controle das infecções, contaminações e, muitas vezes, a aceleração dos processos curativos e consequentes altas médicas dos pacientes até mesmo antes das previsões programadas. Esse cuidado influencia diretamente na implantação das propostas de leitura. Um livro-hospitalar é um livro especial, isto é, para que um livro qualquer chegue a ser um livro-hospitalar e possa circular nas enfermarias, ele deve ser tratado até alcançar um status de possibilidade para uma das regras essenciais de biossegurança que é a higienização. Cada livro que se destina ao trabalho de leitura em ambiente hospitalar deve passar por um processo conhecido como empaginação. A empaginação de um livro pode ser feita por qualquer pessoa que aprenda a arte, normalmente, nas pediatrias que contam com a classe hospitalar, esse trabalho é realizado pela professora, equipes multidisciplinares e voluntários. No caso da pediatria do hospital universitário de Belo Horizonte/MG, a

empaginação é feita pela professora e pelas alunas do curso de Letras integrantes do projeto Entre Páginas. Anteriormente à pandemia o Projeto Entre Páginas promoveu várias oficinas de empaginação para livros hospitalares com o envolvimento voluntário de muitos estudantes das licenciaturas.

Empaginar um livro consiste num trabalho artesanal, manual, de plastificar página por página com papel autoadesivo, contact, que permita a higienização com a álcool após a utilização de cada exemplar. É um trabalho manual difícil, lento, caro e especialmente carregado de sentido porque implica a consciência da importância da literatura e a dedicação para que a leitura possa ser democratizada num momento de fragilidade como o momento do tratamento de saúde com internação, é a consciência positiva sobre, melhor, acima, da negatividade que não compreende como é possível pensar em leitura numa hora de doença. É a expressão de que a leitura não precisa ser uma atividade desassociada da realidade ou um diferencial acessível apenas a alguns poucos. A preparação de livros-hospitalares pressupõe um conceito prático de fé na vida e no direito dessa prática e seus benefícios no restabelecimento da saúde em todos os seus aspectos.

Por quê? Porque pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo. Esta me parece a essência do problema, inclusive no plano estritamente individual, pois é necessário um grande esforço de educação e auto-educação a fim de reconhecermos sinceramente este postulado. Na verdade, a tendência mais funda é achar que os nossos direitos são mais urgentes que os do próximo (CÂNDIDO, 2011, p. 172)

Desenvolvendo essa consciência política do direito à literatura e colocando-a em prática, buscando que a cultura da leitura adentre ao cotidiano de todas as pessoas em seu processo de democratização e popularização, no ano de 2019, o projeto Entre Páginas se oficializa na pediatria do Hospital das Clínicas de Belo Horizonte-UFMG com as ações de arrecadação de livros, ateliês de empaginação, rodas de leitura, leituras nos leitos e visitas monitoradas. O Projeto Entre Páginas se atreve, na perspectiva da leitura para todos, a ler e incentivar a formação de leitores em ambiente hospitalar, enfrentando as realidades aí postas e suas exigências. Propõe-se a arrecadar, empaginar, doar e ler livros literários junto às crianças e adolescentes em situação de internação hospitalar.

## **5 LEITURA E LEITORES HOSPITALARES.**

Quais leituras, quais textos literários podem ser lidos num hospital? Para responder a essa pergunta, é necessário mais que uma postura política definida ou uma certeza pedagógica generosa. É preciso debruçar-se sobre a realidade que se apresenta, saber sua história, em outras palavras, ler, para ler com propriedade, com ciência e alma sobre as escolhas.

### **5.1 Pronto Atendimento – PA**

Pensar leitura e promovê-la na prática do Pronto Atendimento - PA é tentar que essa atividade seja rotina, seja parte da cultura, seja natural nesse ambiente. Significa propor um cuidado ao qual as pessoas não estão acostumadas, constitui-se numa audácia, diante de sintomas de que a vida está em risco. Mostrar o direito a literatura às pessoas no momento delicado do PA é apresentar um pedido de calma, dizer que tudo há de ficar bem.

A ansiedade, o medo, a insegurança e as dores provenientes de tais sentimentos e, primordialmente, do adoecimento em investigação no PA são invisíveis e concretos. Cuidar é remédio em situações sem diagnóstico definido. Estar no hospital, sem triagem, aguardando, às vezes a vez de ser atendido, às vezes resultados de exames, muitas vezes em situação de aglomeração, sem as condições necessárias de acolhimento, por vários fatores políticos e sociais e, nos dias atuais, sob a agonia causada pelo medo do risco do contágio dado pela pandemia do novo coronavírus, é estar carente e precisando de afeto.

Estar perto de uma maneira muito discreta, sem invasão e oferecendo uma alternativa não violenta de expressão, como a leitura, constitui-se numa maneira pedagógica de encontro que se efetiva através da literatura.

A leitura no Pronto Atendimento deve ser apresentada com objetividade, com conhecimento e como diálogo. A aproximação do berço ou da maca, mesmo da cadeira comum ou de rodas na sala de espera ou nos cantos dos corredores, precisa ser leve, com identificação, ganhando a confiança e apresentando solidariedade. A proposta começa individual e como a leitura tem o poder da convocação, logo, outras pessoas, outras crianças em espera ou acompanhantes, ou alguém da enfermagem demonstram curiosidade, interesse e a leitura reúne, cumprindo seu papel educativo naquela situação.

São textos bem-vindos e aceitos para a leitura no PA: notícias, informativos, revistas, enfim, literaturas curtas e que provoquem logo reações, além disso tudo, também acionem os conceitos de letramento das pessoas, busquem as informações prévias que cada uma carrega em sua história de vida/leitura para a roda coletiva de saberes que nos faz superar sentidos comuns e aprender e ensinar na leitura e com a leitura.

## 5.2 Enfermarias

As enfermarias, por sua vez, são os espaços dos tratamentos clínicos. Lugar de esperança, a enfermaria representa aquela oportunidade do cuidado, do restabelecimento da saúde, a pesquisa que orienta as causas e as curas para as doenças que nos afligem. É um ponto de chegada, é um ponto de partida, e é também o espaço mais diverso: pode-se passar um dia na enfermaria, mas também é possível que se passem anos. Aí concentram-se cuidados, medicações, recuperações, situações de cuidados paliativos. Na enfermaria chega a esperada notícia da alta médica e chega também a despedida com o óbito.

A leitura na enfermaria é tão diversa quanto tudo isso que ela carrega, encerra em suas dependências. É a leitura da vida diária, do sonho a ser alcançado, da fantasia, das aprendizagens.

É o lugar do tempo.

As crônicas, os contos, os romances são bem-vindos aos olhos dos leitores das enfermarias. Neste espaço, porém, tal como no PA, mas, com mais intensidade, as leituras precisam de mediação. A professora, um leitor mais fluente, precisa resgatar as “leituras de mundo”, os conhecimentos prévios, as experiências de leituras a fim de que as novas leituras sejam significativas e ressignificadas. É o mesmo lugar, mas a leitura em situação de cuidados paliativos é totalmente diferente da leitura em pré-cirúrgico ou ciclo quimioterápico.

A abordagem para a leitura nas enfermarias precisa ser ainda mais leve que na abordagem no Pronto Socorro, mas precisa despertar interesse, ser conectada com as histórias de leituras das pessoas e propositiva, apontar para a perspectiva do letramento literário. Por isso, a professora de leitura na pediatria precisa ser uma leitora que ame leitura e todas as literaturas, que incentive o leitor em formação a interagir com a obra que ele deseja ler! A professora mediadora de leitura na enfermaria também deve desenvolver encontros de leitura, pois a promoção do diálogo sobre as leituras realizadas constitui-se numa atividade prazerosa

na formação dos leitores e uma prática possível da formação dos leitores à interação de leitura de leitores fluentes. É uma proposta para a escola hospitalar na enfermaria, especialmente pela possibilidade do tempo, e em todos os ambientes hospitalares. A mesma proposta é válida para a escola regular na formação de leitores literários.

Na perspectiva de letramento literário, para que a escola cumpra sua função de formar o leitor literário, é fundamental que ele mesmo interaja com a obra, da mesma forma que é importante um espaço para o compartilhamento de leituras. São dois quesitos pouco observados na atualidade (SARTORI et al, 2020,p.160-188).

Do ponto de vista da promoção da leitura, as práticas de leituras em ambientes hospitalares, com destaque para as enfermarias, se mostram interessantes: diante da mediação, da personalização e da participação no grupo de leitores, crianças e adolescentes aprimoram o desejo da leitura, a prática e o compartilhamento da experiência. Leem obras extensas, cumprem os compromissos de leitura, aceitam a mediação da professora e participam das apresentações de leitura planejadas. Nesse sentido, estudantes que não se consideravam leitores, depois da experiência de leitura na escola da pediatria, reconhecem-se como leitores.

Para ler obras extensas – cada aluno precisa ler “ele mesmo” – há necessidade de divisão da obra em capítulos e cabe ao professor convidar os alunos a apresentar os resultados de sua leitura ao final de um “intervalo”. Essa apresentação pode ser impulsionada pela leitura de outros textos menores que tenham ligação com o texto maior, pela realização da microanálise de recursos expressivos, pela resolução de problemas ligados ao vocabulário e à estrutura composicional, ou por uma simples conversa com a turma sobre o andamento da história. Em outras palavras, a leitura precisa de um direcionamento, de um acompanhamento, para auxiliar o estudante em suas dificuldades (SARTORI et al, 2020, p. 168)

Não se trata da leitura compreendida como terapia, embora realizada num espaço reconhecidamente como terapêutico, mas, um direito de todo cidadão, uma necessidade básica para o bem-estar físico, mental, social, cultural, desde a infância e em todas as fases da vida.

### **5.3 Centro de Tratamento Intensivo – CTI**

O Centro de Tratamento Intensivo, CTI, como seu próprio nome sugere, é intenso. Um espaço de esperança, de descobertas e de respostas onde nossos humanos corpos frágeis interagem com o conhecimento e a dedicação que se movem para a defesa, a preservação e a continuação da vida.

O CTI não espera. O tempo no CTI é contabilizado, no sentido de que cada minuto é um minuto a ser aproveitado para investir na esperança da vida. Isso representa silêncio,

concentração, encontros humanos mediados prioritariamente pela linguagem não verbal<sup>9</sup> e o barulho das máquinas de apoio respiratório, cardíaco e afins entrecortando a fé na ciência e na espiritualidade que neste ambiente andam reconciliadas, postas em prática e silenciosas. Aliás, a espiritualidade/religiosidade tal como os estudos científicos concorrem no ambiente do CTI para os encaminhamentos necessários no cuidado dos pacientes e seus acompanhantes.

O conjunto de crenças, práticas religiosas, ritos, mitos, inseridos nas religiões são importantes para o ser humano em seus momentos de maior dificuldade, oferecendo-lhe explicações e sentido para a vida (SOUZA, 2015). A espiritualidade/religiosidade pode ser um instrumento valioso para ser utilizado por médicos e demais profissionais da saúde para melhorar a relação com o paciente. A espiritualidade/religiosidade de uma família pode ajudar a manter a normalidade, a coesão e a resiliência nos momentos difíceis de enfrentamento de uma doença. Também pode acelerar o ajuste positivo à perda de um membro da família, amenizar as dificuldades associadas com incapacidades, ajudar a promover um significado e propósito positivo mais profundo na família (NEVES NETO, 2014, 34).

Chegam desses universos, religioso ou científico, as solicitações de leitura no CTI. Não se trata de doutrinas específicas de religiões ou artigos sobre a evolução das doenças, trata-se, sim, de orações, poesias, pequenos artigos com informações básicas sobre os assuntos pontuais que circundam o próprio ambiente do CTI, do hospital, seus cuidados e particularidades. Curiosamente no CTI da pediatria do Hospital das Clínicas de Belo Horizonte/MG, raramente se faz necessária a abordagem para o oferecimento da leitura. Os próprios acompanhantes e pacientes fazem a demanda. Decorre daí que a mediação de leitura precisa ser simples, objetiva e capaz de acolher os estados subjetivos implícitos e suscitados pela leitura. Convém ler no CTI leituras afetivas, isto é, as leituras da infância coletiva como os textos de Monteiro Lobato, por exemplo, os textos conhecidos da bíblia, letras de músicas, cartas.

No risco eminente da perda a oferta da leitura, com mediação, é um abraço. Um espaço de consolo, afeto e atenção, aspectos da vida aos quais todos nós temos direito. Leitura é um direito, um direito humano a qualquer tempo e em todas as fases do desenvolvimento das pessoas. Cabe-nos democratizar e facilitar esse acesso, em qualquer momento e a todos os leitores em potencial. A seguir um depoimento de aluna ex-paciente do CTI sobre a leitura durante sua internação e outro relato de uma técnica de enfermagem.

*“Professora, eu só queria dizer que eu também sinto muito orgulho de ser sua aluna e agradecer porque você quis ser a minha professora de leitura na hora em que eu nem entendia*

---

<sup>9</sup> Comunicação não verbal é a comunicação que não é feita com fala verbal, ou que não é feita com a fala nem com a escrita. Diferentemente da comunicação inconsciente, que pode ser verbal ou não verbal. Compreende a expressão do pensamento por meio de elementos comunicativos sem o uso de palavras, como: gestos, objetos, cores, ou seja, utiliza-se de simbologias textuais.

*quase nada, internada no CTI. Eu pensava que eu ia morrer porque eu estava no CTI. Mas eu vi que eu estava melhorando quando você ia lendo e cada dia sua voz ia ficando mais alta e eu escutava mais tempo. Um dia você trouxe o livro para eu acompanhar a leitura e depois outro dia você combinou um parágrafo para mim e um parágrafo para você. Eu li sozinha e você bateu palmas para mim. Agora toda vez que eu leio eu me lembro de você e agora gosto de ler na escola e em casa. Quando eu me formar e ganhar meu dinheiro, se Deus quiser, vou dar livros para as professoras do hospital porque leitura dá vida para as pessoas. Obrigada, professora!”(aluna, ex-paciente)*

*“No começo eu achei que fosse fogo de palha e que não ia durar nada, mas a professora é super responsável, não falha e sabe apresentar as leituras para cada paciente naquilo que ele precisa. Ela também está sempre lendo e dá dicas de leitura para todos. Agora, a leitura no CTI é importante porque é uma atenção e é um momento em que as pessoas estão disponíveis para criar hábitos mais saudáveis. Teve um senhor de idade aqui que gostou de ler com a professora e agora incentiva aos netos. Não é bonito? Não é perda de tempo de jeito nenhum e mais uma coisa, eu concordo com a professora que é um direito humano e muitas vezes nem na escola as pessoas têm esse direito garantido.”(técnica de enfermagem)*

As duas contribuições confirmam a importância da atividade de leitura na vida das pessoas associada à mediação necessária ao desenvolvimento do gosto pela leitura. Projeta-se aqui a leitura hospitalar como atividade em grupo, a ser compartilhada, mediada e compartilhada para sua função completa.

#### **5.4 O Projeto Entre Páginas nos espaços de leitura da pediatria durante a pandemia do novo coronavírus**

Em atividade presencial na pediatria do Hospital das Clínicas em Belo Horizonte/MG, no ano de 2020, o projeto Entre Páginas, como todos nós, todos os projetos e toda a vida planetária, precisou adaptar-se às exigências da pandemia instalada e que se arrasta até hoje entre nós. Precisou porque a outra alternativa era o afastamento e esta não era considerada pelo Projeto.

Conhecendo os espaços da pediatria e um pouco das especificidades de cada público leitor aí assistido, assim como o perfil das crianças e adolescentes em hospitalização prolongada, no intuito da garantia do direito à leitura e sua democratização, o projeto passa a

oferecer, com o apoio do trabalho em conjunto das equipes em trabalho presencial durante a pandemia, leituras gravadas: uma leitura por dia, em áudio-leituras. As leituras gravadas pelas estudantes bolsistas do Projeto Entre Páginas, repassadas à professora, pelo recurso do WhatsApp, avaliadas e encaminhadas aos estudantes, por intermédio das equipes essenciais hospitalares em trabalho presencial na linha de frente do enfrentamento à pandemia, via sistema de comunicação local.

Com essa iniciativa e maneira virtual para chegar às crianças e adolescentes em situação de hospitalização prolongada durante a pandemia foi possível incentivar a continuação da leitura de literatura literária, sendo presença, cuidado e companhia junto a elas e suas famílias.

Nos quadros I e II abaixo, breve sistematização do impacto das áudio-leituras recebidas na pediatria através do projeto Entre Páginas durante o período entre 25 de março de 2020 a 30 de março de 2021:

QUADRO I - Crianças até 11 anos

<b>Período</b>	<b>Número de leitos atendidos<sup>10</sup></b>	<b>Solicitação para ouvir de novo a história</b>	<b>Solicitação para “desenhar” a história (Alguns desenhos – Anexo B)</b>	<b>Solicitação para mandar áudio para a professora</b>	<b>Recontação da história pela criança</b>
Março/Abril	49	46	29	40	23
Maio	47	44	27	38	22
Junho	53	40	21	22	20
Julho	42	34	19	26	19
Agosto	43	27	21	19	18
Setembro	49	30	20	19	17
Outubro	46	38	33	29	20
Novembro	52	40	24	21	19
Dezembro	36	30	26	29	14

<sup>10</sup> Número flutuante de leitos entre enfermarias e CTI pediátricos. Todas as crianças recebem as áudio-leituras, entretanto, devido a condições clínicas e outras razões diversas, algumas fazem contatos outras não.

Janeiro	35	27	20	20	16
Fevereiro	38	28	18	26	21
Março	43	30	25	35	19

Fonte 1 - quadro elaborado pela autora

Dadas as condições clínicas de saúde das crianças e adolescentes em hospitalização prolongada na pediatria do Hospital das Clínicas/Belo Horizonte e os tópicos observados é possível analisar:

a) Solicitação para ouvir de novo a história: durante todo o período citado essa solicitação foi frequente e referida por várias crianças. Em situação de internação e em rigorosa observação das regras impostas pela pandemia, especialmente o distanciamento social, além disso, com poucos recursos virtuais disponíveis, a companhia da história, a leitura da história, através da audição da áudio-leitura, consistiu numa nova rotina para as crianças, uma rotina diferente da programação dos cuidados hospitalares, muitas vezes com procedimentos invasivos necessários. Ouvir de novo a história representava ler de novo e viver de novo um momento de “silêncio”, isto é, uma possibilidade de mudar de assunto, conhecer e participar da vida fora do ambiente da internação e do tema da pandemia. Ressalta-se que os áudios de leitura produzidos pelo projeto Entre Páginas, não contam com recursos sofisticados para a produção de áudio-books e são curtos, seu recurso principal consiste na leitura bem realizada, com o emprego da pontuação e a entonação corretos. Essa particularidade foi apontada por muitas crianças através da fala: “nem é do YouTube<sup>11</sup>, é livro mesmo.”

b) Solicitação para desenhar a história: também uma solicitação muito pedida por várias crianças e atendida na medida do possível, sendo observadas as medidas de biossegurança em relação à situação hospitalar e principalmente quanto ao contágio da Covid19. Ora, o desenho é a escrita da criança. Desenhar a história significa dizer da sua importância e da sua capacidade de ensinamento, além de todas as implicações reconhecidas no processo de recuperação da saúde das crianças. Os desenhos das histórias realizados pelas crianças, em sua maioria foram fotografados e encaminhados para a professora mediadora de leitura. Os desenhos originais

---

<sup>11</sup> YouTube é uma plataforma de compartilhamento de vídeos com sede em San Bruno, Califórnia. Muito popular no Brasil.

foram expostos no mural da escola do hospital. Todos os desenhos receberam devolutivas da professora com incentivo sobre a produção. Essas práticas: principalmente a fotografia e a devolutiva da professora motivavam mais ainda as produções das crianças e a curiosidade para ouvir as histórias enviadas pelo projeto Entre Páginas.

c) Solicitação para mandar áudio para a professora: a relação professora-aluno é indiscutivelmente um diferencial na classe hospitalar. O AEH, Atendimento Educacional Hospitalar, imprime nessa relação mais força que aquela que todos nós experimentamos com nossos professores em alguma fase da nossa vida escolar, através da proximidade, que se dá na classe hospitalar com mais força, pois caracterizando-se muitas vezes no atendimento personalizado e flexível no cumprimento do currículo escolar é possível cultivar nessa relação uma amizade bonita para toda a vida. O projeto Entre Páginas chegou bem-vindo às crianças e adolescentes pela porta da escola hospitalar. Sua mediação de leitura é realizada também com a mediação da professora. Na transposição da leitura de livros para a modalidade de áudio-leitura, as crianças, transpuseram suas aprendizagens com a leitura e a amizade com a professora para o “áudio comentário”. Os áudios das crianças foram respondidos e comentados também através de áudios. Esse contato mostrou-se importante e motivador no incentivo da leitura literária.

d) Recontação da história pela criança: recontar a história, decorada, foi a maneira mais simples que muitas crianças encontraram para conversar com a professora sobre a áudio-leitura escutada. Essa atitude, tal como a solicitação para desenhar a história, é a expressão da importância da atividade para as crianças. A maioria dessas crianças ao final de seu relato solicita uma avaliação: elas perguntam se faltou alguma parte, se contaram direito. Recebendo a devolutiva, enviam novo áudio agradecido e amoroso. Estabelece-se aí o diálogo pedagógico, mas sobretudo, incentivador da leitura.

QUADRO II - Adolescentes a partir de 12 anos

<b>Período</b>	<b>Número de leituras atendidas</b>	<b>Ligações e áudios para a professora a fim de comentar a áudio-leitura</b>	<b>“Quero ajudar a fazer áudio-leitura”</b>	<b>Pedidos da áudio-leitura impressa</b>
Março/Abril	14	14	6	11
Maio	16	12	9	14

Junho	10	10	7	10
Julho	13	10	8	8
Agosto	11	9	6	10
Setembro	14	10	9	11
Outubro	9	6	1	4
Novembro	11	9	5	8
Dezembro	10	9	5	7
Janeiro	14	10	8	11
Fevereiro	14	9	10	9
Março	10	7	6	9

Fonte 2- Quadro elaborado pela autora

e) Ligações e áudios para a professora a fim de comentar a áudio-leitura: os adolescentes apresentaram um comportamento leitor ao procurarem apoio para comentários de sua leitura sobre a áudio-leitura recebida no hospital. Transferiram, tal como as crianças, para a realidade virtual a prática presencial de comentarem as próprias leituras, precisavam de mediação. Ao contrário das crianças que se satisfaziam com o retorno em áudio, os adolescentes ligavam. A áudio-leitura no caso deles servia de pretexto para o início de um diálogo, sendo seu principal tema as angústias trazidas pela instauração da pandemia. Muitos comentaram sobre a situação escolar, desmotivados quanto à escola, mas com interesse pela leitura, “que não depende de ninguém” e dá “para aprender muitas coisas.”

f) “Quero ajudar a fazer áudio-leitura”: quase todos os adolescentes que receberam e estabeleceram contato com o projeto Entre Páginas durante o período das áudio-leituras manifestaram o desejo de ajudar a fazer áudio-leitura. Esse desejo pode ser interpretado sob muitas óticas, mas um dos indicativos mais preciosos é a sedução da escuta de uma leitura bem realizada, de um texto conhecido ou não, mas que ganha vida na voz de uma pessoa. A leitura retirada do contexto da cultura escolar, ouvida como um dom, se aproxima da companhia que todos estamos precisando sempre em nossas vidas, mais ainda no contexto da pandemia. Em

comparação com a mediação na modalidade presencial, os adolescentes mostram mais um comportamento leitor: solidarizar-se, expor sua leitura, mais que contar sobre ela. Ajudar a fazer áudio-leitura significa considerar-se um leitor capaz e fluente. Querer ler é uma conquista na formação de todos os leitores.

g) Pedidos da áudio-leitura impressa: querer a leitura para si a fim de “ler quando eu quiser” também se constitui num comportamento leitor. Esses pedidos, em número considerável de participação dos adolescentes, decorrem da elevação da sua auto-estima linguística observada anteriormente no desejo de “ajudar a fazer áudio-leituras”. Ora, ter a impressão da história e poder fazer sua leitura em voz alta, contar aos familiares, enviar áudios de leitura são atitudes leitoras, mas, muito mais que isso, em contexto de hospitalização prolongada, significam deixar por uns momentos a condição de paciente para assumir a condição de leitor. A leitura impressa substitui a presença do livro e assegura o poder de ter a história acessível, “sem depender dos outros nem sinal de internet ruim.” Vários alunos foram contemplados com cópias dos textos de áudio-leituras escolhidas por eles, devidamente plastificadas e individualizadas, dentro do rigor das normas de biossegurança. Os diálogos subsequentes, em áudios, foram de agradecimento e leituras gravadas com atenção à todas as normas de uma leitura fluente e compartilhada.

Ainda é possível ler nos quadros acima a constância e participação das crianças e adolescentes a partir da áudio-leitura recebida. Em consideração dos casos em que as condições clínicas de saúde não permitiram a interação por meio virtual é possível visualizar entre o grupo até onze anos de idade uma atividade dialogal de alta porcentagem em média e em todos os pontos elencados. O mesmo acontece em relação ao grupo dos adolescentes. Mais uma observação relevante é que a participação se mantém durante todo o período de acompanhamento e que tanto no grupo das crianças, quanto no grupo dos adolescentes os pontos de interlocução demonstrados partiram das iniciativas dos próprios sujeitos, sendo sistematizados ao longo dos contatos realizados. Não significa que seja algo espontâneo ou sem planejamento, ao contrário, brota das experiências prévias de aprendizagens dos grupos envolvidos no incentivo à leitura quando nos momentos presenciais do Projeto Entre Páginas na pediatria e motivações escolares, especialmente na escola do AEH.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“É impossível falar em Educação sem Amor.”  
(Paulo Freire)*

Por muitas vezes a pedagogia hospitalar tem sido romanceada na tentativa de mascarar o quanto é difícil a prática de ensino num ambiente hostil como as pediatrias hospitalares públicas espalhadas pelo Brasil afora. Políticas educacionais para essa modalidade de ensino são negligenciadas, isto é, mesmo existindo, sofrem apagamentos, são reduzidas e tanto seus alunos, quanto suas professoras se tornam “invisíveis” no sistema educacional, que apesar dos esforços de muitos, ainda não é inclusivo e democrático quanto precisa ser. Mesmo assim, consciente e vivenciando diariamente essa realidade, faço presentes as palavras do patrono da educação nacional, Professor Paulo Freire, nessas breves considerações finais, concordando que não dá para fazer educação sem amor. Amor no sentido, que o próprio mestre Paulo Freire explica, de posicionamento político, social, pedagógico, parcial, porque não há espaço para neutralidade nessa opção. Um amor que longe de romancear assume em si a luta pelas aprendizagens que nos salvam das armadilhas da perpetuação do círculo vicioso de exclusão em todas as suas formas.

Professora, mas antes também aluna-hospitalar, tenho refletido e aprendido muito em tal realidade de ensino, que anexada à escola é colaboradora para sua autocrítica e redimensionamento. A leitura e a formação de leitores têm papel importante neste processo de reinvenção da escola e conseqüentemente de muitos valores sociais: através da leitura é possível refletir, analisar, compartilhar, aprender, enfim, interagir consigo mesmo, com os outros, com o mundo, numa postura não violenta e de convocação transformadora.

Ora, a leitura, esta prática perigosa, no sentido do poder de suas mudanças no ser humano e seus entornos, merece destaque desde o seu ensino até sua fluência e compartilhamento. Paulo Freire ensinou que a importância do ato de ler se fundamenta em poder “ler em comunhão tanto o mundo, quanto a palavra, sendo que a leitura do mundo, precede a leitura da palavra.” E concordando com Antônio Cândido essa prática deve ser acessível, democratizada, é um direito humano!

Por isso: leitura no hospital. A leitura na pediatria representa um elo não só entre os projetos pedagógicos das escolas de origem presentes na escola hospitalar em cada uma das crianças e adolescentes, mas, ainda mais: representa a fruição, o direito a não fragmentação do ser humano, uma opção concreta pela humanização e cuidado que levam a humanidade à sua

preservação e coexistência planetária. Poder ler, escutar a leitura, interagir com os textos e outros leitores é se lembrar de outras possibilidades, possibilitar o direito ao sonho e assumir esse autocuidado como lugar de esperança no restabelecimento da saúde, enfrentamento dos tratamentos e aceitação da finitude da vida de uma maneira compartilhada, no sofrimento que também serve para estruturar a vida no mundo.

O projeto Entre Páginas se apresenta inovador na realidade hospitalar na simplicidade da proposta de leitura mediada. Com a presença da professora mediadora de leitura, o projeto chama a atenção para literatura literária, relembra que as aprendizagens não se dão exclusivamente dentro da escola e que mesmo a leitura não “salva” o mundo. A leitura é simplesmente uma alternativa, um apoio para tudo o que queremos empreender pela convivência, pela dignidade e construção de todos os valores em defesa da vida.

Formar leitores é um processo árduo, de muito envolvimento e trabalho. Esse processo passa pela própria conquista pessoal de se tornar um leitor e compartilhar essa aventura generosamente. Na discricção do envio de áudio-leituras e seu acompanhamento junto aos alunos, o Projeto Entre Páginas aponta um caminho de democratização da literatura compreendendo junto com os estudantes, melhor, empaticamente ao lado dos leitos, o significado da leitura literária para os meninos e meninas em situação de hospitalização prolongada: leitura no hospital significa a aposta na vida, no futuro e no presente com todos os direitos respeitados, significa a companhia interessante que ensina e que diverte porque ser leitor é ser ativo e não paciente, ser leitor é estar vivo e poder comunicar a vida! Que venham livros empaginados, áudio-leituras, kindles! Que a mediação de leitura chegue a todos e que sejamos leitores solidários por uma escola inclusiva, pela escola hospitalar e pela escola na vida, nas nossas vidas sempre formando leitores.

## 7 REFERÊNCIAS

BRASIL. **Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial.** Brasília: MEC, 1994.

\_\_\_\_\_. Lei nº 8.069 de 13 julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil.** Brasília, DF, 16 jul. 1990. Brasília: MJSP, 1990.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente - CONANDA. **Resolução 41 de 13 de outubro de 1995.** Direitos da Criança e do Adolescente hospitalizados. Diário Oficial da União. 1995.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Especial.** Brasília: MEC, 2001. Disponível em <<http://www.mec.gov.br/cne/ftp/minuta/minuta1.doc>>. Acesso em 03 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento Pedagógico Domiciliar: Estratégias e Orientações.** Secretaria da Educação Especial. Brasília: MEC, 2002.

CÂNDIDO, A. **Vários escritos.** 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

CHIARETTO, M. Letramento literário e recursos didáticos renovados para um educador cidadão. Universidade Federal de Minas Gerais. Rio de Janeiro, 2013. In.: **IV Simpósio sobre o Livro Didático de Língua Materna - SILID; III Simpósio sobre o Livro Didático de Língua Materna – SIMAR.** Rio de Janeiro, 2013.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados, 1989.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FONSECA, E. **Atendimento pedagógico - educacional para crianças e jovens hospitalizados:** Realidade Nacional. Brasília: MEC/INEP, 1999.

KOSINSKI, R. T. Educação em Enfermarias Pediátricas. **Ciência Hoje,** São Paulo, v. 23, n. 133, p. 74-75, 1997.

Nossa História. **Portal da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares - EBSEH.** C2021. Disponível em: [www.ebserh.gov.br](http://www.ebserh.gov.br) . Acesso em: 04 abr. 2021.

OLIVEIRA, M. E. Princípio 7. In: Santos, L. J. A. **Carta da Criança Hospitalizada: Comentários**. Lisboa: Instituto de Apoio à Criança. Caderno 1. nov, 2000, p. 61-63.

PAULA, E. M. A. T. História das escolas nos hospitais do Brasil: Políticas Públicas de Atendimento às Crianças e Adolescentes. In: **VI Jornada Nacional do HISTEDBR: História, Sociedade e Educação no Brasil**. Ponta Grossa: 2005. p. 01-20.

NEVES NETO A. O papel da oração como coping religioso positivo em redução do estresse. **Revista Arquivos Médicos**. São Paulo, v. 59, n. 1, p.34-9, 2014.

SARTORI, A.T.; PEREIRA, D.R.M.; BEZERRA, M.G. **Leitura em ambiente hospitalar: uma experiência com o livro -A culpa é das estrelas-** Working Papers em linguística (online), v. 21, p. 160-188, 2020.

SOUZA, V. C. T. **Bioética, espiritualidade e a arte do cuidar na relação médico paciente**. Curitiba: Prismas, 2015.

TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

## 8 ANEXOS

## ANEXO A

## Projeto - Entre Páginas: leitura para crianças e adolescentes em hospitais

 	
Sistema de Informação da Extensão	
PROEX UFMG Pró-Reitoria de Extensão	
<b>PROJETO - ENTRE PÁGINAS: LEITURA PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM HOSPITAIS</b>	
<b>Registro</b>	
403790	
<b>Revisão</b>	
12/01/2021	
<b>Status</b>	
Ativo	
<b>Título</b>	
Entre Páginas: leitura para crianças e adolescentes em hospitais	
<b>Data de início</b>	
23/10/2019	
<b>Previsão de término</b>	
28/02/2022	
<b>Data da última aprovação pelo Órgão Competente</b>	
21/10/2019	
<b>Órgão Competente</b>	
Congregação	
<b>CARACTERIZAÇÃO</b>	
<b>Ano em que se iniciou a ação</b>	
2019	
<b>Unidade</b>	
Faculdade de Letras	
<b>Departamento</b>	
Administração Geral	
<b>Programa vinculado</b>	
SEM VÍNCULO	
<b>Principal Área Temática de Extensão</b>	
Educação	
<b>Área Temática de Extensão Afim</b>	
Saúde	
<b>Linha de Extensão</b>	
Alfabetização, Leitura e Escrita	
<b>Grande Área do Conhecimento</b>	
Linguística, Letras e Artes	
<b>Palavras-chave</b>	
Mediação de leitura; livros; empaginação de livros; biblioteca hospitalar.	
<b>DESCRIÇÃO</b>	
<b>Apresentação e justificativa</b>	



### PROJETO - ENTRE PÁGINAS: LEITURA PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM HOSPITAIS

O projeto Entre Páginas tem em vista a mediação de leitura em hospitais, contribuindo para o bem-estar físico e mental das crianças e adolescentes em restrição e privação de liberdade. Para garantir a eles o acesso aos livros e, com isso, o incentivo à leitura, há necessidade de que cada exemplar receba cuidados especiais, um tratamento artesanal chamado de empaginação, através do qual é possível realizar a higienização de cada página do livro, garantindo a descontaminação, atitude indispensável em ambiente hospitalar.

A experiência teve início a partir dos resultados obtidos na pesquisa de Mariotides Gomes Bezerra, orientada por uma das coordenadoras deste projeto, profa. Dra. Adriane Teresinha Sartori, realizada no Mestrado Profissional em Letras (Profletras) da UFMG, em 2018. Segundo a análise realizada, a leitura é um componente importante no tratamento de saúde, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida dos internados.

A partir da pesquisa, então, foram desenvolvidas ações, em 2019, que deram origem ao projeto "Entre Páginas" - denominação escolhida pelas crianças e adolescentes do Hospital das Clínicas, através de eleição direta. No início de 2019, as ações visavam atender à carência de livros empaginados para a leitura no Hospital das Clínicas (HC-UFMG). Assim, a necessidade de garantir o direito à leitura desencadeou a proposição de ateliês de empaginação - foram realizados quatro durante o ano de 2019. Esses ateliês formaram multiplicadores que atualmente desenvolvem suas próprias oficinas reunindo grupos de colegas de trabalho e amigos. Na UFMG, os ateliês, por terem sido cadastrados como Atividades Complementares, tiveram uma abrangência bastante significativa, abarcando alunos de vários cursos. Uma observação importante: todo o material utilizado (livros e plástico autoadesivo transparente (contact)) foi doado pela comunidade.

Um grupo de voluntários visitou o HC em setembro para entregar os primeiros 80 livros empaginados. Dessa forma, estamos formando uma biblioteca no Hospital de Clínicas. Nossa intenção futura é disponibilizar livros empaginados para todas as crianças e adolescentes internados - média diária de 60 crianças -, além de emprestar livros nãoempaginados para os seus acompanhantes, funcionários de diferentes setores, residentes, médicos, enfermeiros etc.

Vale o registro de que a TV UFMG produziu um vídeo sobre o nosso projeto, o qual foi muito bem recebido pela comunidade de Belo Horizonte. Pode ser visto neste link:  
<https://www.youtube.com/watch?v=znxW9MrufRg>

No final deste ano, avaliamos que o Entre Páginas precisa ter continuidade, para que possamos fazer os livros chegarem aos leitos dos internados. Precisamos formar, então, mediadores de leitura. Evidentemente, não se trata de designar a tarefa para qualquer pessoa, há necessidade de uma formação muito consistente, considerando que o mediador lidará com crianças doentes, fato que exige preparo não apenas em ensino de leitura (literária), mas também em procedimentos de biossegurança.

Pensando nisso, durante o ano de 2020, pretendemos realizar um curso de formação de mediadores de leitura para trabalhar no Hospital de Clínicas. Esse curso será proposto de forma a garantir uma sólida formação em leitura literária e em biossegurança, por isso será ofertado por professores da Faculdade de Letras e da Escola de Enfermagem - esta última já figura como colaboradora do Entre Páginas, parceria estabelecida em reuniões realizadas em novembro e em dezembro.

Para o próximo ano, pretendemos, igualmente, ampliar a rede de solidariedade através da empaginação de mais livros; novos ateliês, portanto, deverão ser realizados.

A necessidade de formalizar nossas atividades, dar continuidade a elas e de fortalecer a parceria com a equipe de Pediatria do HC-UFMG nos impulsionou a cadastrar este projeto de extensão.

#### Objetivos gerais

Possibilitar o acesso à leitura para crianças e adolescentes na Unidade Pediatria do Hospital de Clínicas.

#### Objetivos específicos

- Preparar os livros que serão utilizados na Unidade Pediatria do Hospital das Clínicas para que cumpram os protocolos de higiene - processo que chamamos de "empaginação".
- Formar empaginadores voluntários para a preparação dos livros.
- Formar mediadores para disseminar a leitura de livros e entender os indicadores de biossegurança, garantindo a qualidade da assistência aos pacientes do Hospital.

#### Metodologia

Para atingir os objetivos elencados, o projeto prevê as seguintes etapas principais:

- seleção do material que circula no Hospital, levando em conta uma perspectiva literária ampla, não restrita a cânones;
- seleção de material necessário e adequado à "empaginação" (plástico autoadesivo transparente);
- organização de ateliês de "empaginação" para formar multiplicadores que possam atuar no projeto e continuar a preparação dos livros;
- oferecimento de cursos de preparação de mediadores de leitura, para atuação inicial no setor de enfermagem da Pediatria;
- organização de visitas à Pediatria do Hospital das Clínicas para a entrega dos livros empaginados no projeto;
- criação de meios de divulgação do projeto, incluindo página na internet, participação em eventos e publicações.

#### Forma de avaliação da ação de Extensão



Sistema de Informação da Extensão

PROEX UFMG  
Pró-Reitoria de Extensão**PROJETO - ENTRE PÁGINAS: LEITURA PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM HOSPITAIS**

Os seguintes instrumentos serão utilizados para avaliação contínua das ações visando à definição de metas do projeto:

- formulários de avaliação a serem aplicados em cada atividade de formação de empaginadores e de mediadores de leitura;
- diários de campo dos mediadores de leitura no Hospital;
- formulário de dados objetivos em relação a livros doados, livros empaginados e entregues, além do estado do acervo para a biblioteca que está sendo organizada no Hospital das Clínicas.

**Site**

<http://entrepaginas.letras.ufmg.br> (em construção)

**Origem do público-alvo**

Interno e Externo

**Caracterização do público-alvo**

O projeto tem como público-alvo as crianças e os adolescentes internados na Unidade Pediatria do Hospital das Clínicas. Nos cursos de mediação de leitura e nos ateliês de empaginação, são todos os voluntários (público interno e externo) interessados em colaborar para alcançar o objetivo principal do projeto.

**Captação por edital de foment**

Não

**Articulado com política pública**

Não

**ESTUDANTES MEMBROS DA EQUIPE****Plano de atividades**

- Gestão do site a ser criado, das inscrições dos ateliês e dos cursos de formação de mediadores.
- Formação de empaginadores.
- Organização do material necessário às atividades do projeto.
- Realização de leituras relacionadas à temática do projeto.
- Produção para material de divulgação do projeto.
- Participação em eventos.

**Plano de acompanhamento e orientação**

- Participação nas reuniões periódicas de planejamento, acompanhamento e avaliação das atividades.
- Indicação de leituras e discussões sobre elas.

**Processo de avaliação**

- Análise do engajamento nas atividades propostas.
- Controle da frequência e assiduidade dos estudantes.
- Retorno contínuo a respeito das formas de participação dos envolvidos.

**INFORMAÇÕES ESPECÍFICAS****Infra-estrutura física**

- Salas disponíveis na FALE, preferencialmente com mesas.
- Espaço para as atividades na Pediatria do Hospital das Clínicas.
- Recursos: livros, plástico autoadesivo transparente (contact), régua, tesouras, papéis diversos.

**Vínculo com Ensino**

Sim

**Vínculo com Pesquisa**

Sim

**Público estimado**

200

**INFORMAÇÕES ADICIONAIS****Informações adicionais**

Em virtude de termos registrado este Projeto em outubro de 2019, não foi possível concorrer a uma bolsa PROEX no ano passado. O Pró-Reitor de Assuntos Estudantis, reconhecendo a sua importância, assumiu, em caráter emergencial, uma bolsa até 31.12.2020, sem a possibilidade de renovação, e com a condição de que concorrêssemos ao Edital PROEX deste ano, visto que o Projeto atende a público externo à UFMG.

**EQUIPE**

Participação	Nome	Telefone	E-mail	Unidade	Departamento/ Curso/Setor	Período
Coordenador	A D R I A N E T E R E S I N H A		adrianesartori@ufmg.br	FACULDADE DE	Diretoria	- a -



Sistema de Informação da Extensão

PROEX UFMG  
Pró-Reitoria de Extensão**PROJETO - ENTRE PÁGINAS: LEITURA PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM HOSPITAIS**

	SARTORI		adrianesartori@ufmg.br	LETRAS		
Co-coordenador	HANRIETE ROTELLI TEMPONI	(31) 9785-0037	hanriettrari@gmail.com	EBSERH (Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares)	-	23/10/2019 a 28/02/2022
Co-coordenador	DANIELVELIN RENATA MARQUES PEREIRA	(31) 3409-56085	drenata@ufmg.br daniervelin@gmail.com	FACULDADE DE LETRAS	Diretoria	23/10/2019 a 28/02/2022
Co-coordenador	MARIOTIDES GOMES BEZERRA	(31) 9154-6906	tidefage@yahoo.com.br	Escola do Hospital e Clínicas da UFMG	-	23/10/2019 a 28/02/2022
Bolsista(Outras)	NADIA SANTOS DE PAIVA NEVES	(31) 9157-6686	nadiaspai@let.grad.ufmg.br nadspai@gmail.com	-	LETRAS	01/04/2020 a 31/12/2021
Participante	MILENY DE ABREU GOMES		milenyabreu@ufmg.br mileny132009@hotmail.com	-	LETRAS	23/10/2019 a 31/12/2021
Participante	MILENA AXEL NASCIMENTO COSTA	(31) 8400-8313	milenaxel@let.grad.ufmg.br milenaaxel8@gmail.com	-	LETRAS	01/05/2020 a 31/12/2021
Participante	VIVIANE MAIA	(31) 9187-5468	vivianemaia.t@gmail.com	PBH	-	23/10/2019 a 31/12/2021
Participante	SILAS ACACIO PRADO		silasprado@ufmg.br	-	MÚSICA	22/07/2020 a 31/12/2021

**PARCERIAS**

CNPJ	Nome	Caracterização	Tipo
17.217.985/0034-72	HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS	Universidade Pública	Assessoria e/ou Consultoria

**ABRANGÊNCIAS**

Nome	Estado	Município	CEP	Detalhes
Faculdade de Letras	Minas Gerais	Belo Horizonte	31.270-901	Av. Antônio Carlos, 6627 Pampulha
Hospital das Clínicas	Minas Gerais	Belo Horizonte	30.130-100	Av. Prof. Alfredo Balena, 110 - Santa Efigênia

**AÇÕES VINCULADAS**

Tipo	Registro	Título da Ação de Extensão	Status da Ação
------	----------	----------------------------	----------------

**RESULTADOS ESPECÍFICOS****Público atingido**

60

**RESULTADOS GERAIS**

Data	Resultados
09/01/2021	Organização da mesa-redonda intitulada "Leitura em Hospitais", no Seminário Teóricos Interdisciplinares do Semiotec (STIS), realizada em plataforma online, no dia 04 de novembro de 2020. Palestrantes: Glória de Fátima Santos (Universidade Estadual Santa Cruz) e Carina Ceribelli (Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas). As coordenadoras Daniervelin Pereira e Adriane Sartori foram as mediadoras da mesa-redonda.
20/08/2020	O projeto está em pleno funcionamento e atinge os seus propósitos, visto termos ainda em abril construído alternativas para o período de pandemia (como dissemos, mais de 100 audiolivros foram gravados). Embora



Sistema de Informação da Extensão

PROEX UFMG  
Pró-Reitoria de Extensão**PROJETO - ENTRE PÁGINAS: LEITURA PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM HOSPITAIS**

	o Entre Páginas só tenha sido registrado em 23/10/19 no Sistema SIEX, atividades importantes foram desenvolvidas antes do seu registro: quatro palestras e ateliês de empaginação com validação de atividades complementares para os alunos participantes (27/03, 23/04, 12 e 23/09); Ateliê no Instituto Alves Ribeiro (17/06); visita ao Hospital de Clínicas para entrega de 80 livros empaginados (13/09); apresentação do Projeto no UFMG Jovem (20/09); apresentação de trabalho científico, em 02/10, no evento XIII Jogo do Livro e III Seminário Internacional Latino-Americano (de 01 a 04/10, na UFMG); vídeo de registro do Projeto, produzido pela TV UFMG e divulgado em 14/10. Além disso, em 01/11, realizamos o primeiro curso de Mediação de Leitura em Hospitais, em parceria com o HC/UFMG.
20/05/2020	Em virtude da pandemia do novo coronavírus, a mediação de leitura não pode ser realizada no Hospital de Clínicas neste semestre, fato que nos fez redimensionar o projeto. Estamos selecionando e gravando leituras que são disponibilizadas no Hospital de Clínicas através do sistema interno de som da ala pediátrica. Produzimos sete "audiolivros" por semana, uma história por dia, para que todos (crianças, adolescentes, responsáveis, equipe hospitalar) possam "degustá-las". Temos recebido retornos muito positivos!

**PRODUÇÕES**

Tipo	Título	Data Publicação	Identificação
Produto artístico	Audiolivros para crianças e adolescentes do Hospital de Clínicas	14/08/2020	Gravamos 7 leituras por semana, enviamos por rede social ao HC às sextas-feiras (registramos a data da última entrega). Até o momento, gravamos 106 audiolivros.
Artigo	Leitura em ambiente hospitalar: uma experiência com o livro "A culpa é das estrelas"	10/12/2020	SARTORI, Adriane Teresinha; PEREIRA, Daniervelin Renata Marques; BEZERRA, Mariotides Gomes. Leitura em ambiente hospitalar: uma experiência com o livro "A culpa é das estrelas". Working Papers em Linguística, v. 21, n. 2, maio/ago. 2020.
Site	Site do projeto Entre Páginas	30/06/2020	O site do projeto Entre Páginas foi criado e está disponibilizando os audiolivros gravados pelo grupo, além de apresentar os objetivos do Projeto e seu funcionamento:  <a href="http://entrepaginas.letras.ufmg.br">http://entrepaginas.letras.ufmg.br</a>

## ANEXO B

## Alguns desenhos das crianças do Projeto - Entre Páginas: leitura para crianças e adolescentes em hospitais



